

DE DEBATES HISTÓRICOS-POLÍTICOS À CONSTRUÇÕES DE SI: A NARRATIVA DO BRASIL NA AUTOBIOGRAFIA DE SIMONE DE BEAUVOIR¹

FROM HISTORICAL-POLITICAL DEBATES TO SELF-CONSTRUCTIONS: THE NARRATIVE OF BRAZIL IN SIMONE DE BEAUVOIR'S AUTOBIOGRAPHY

Thainã Teixeira Cardinalli*

Resumo: Em 1960, Simone de Beauvoir (1908-1986), acompanhada de Jean-Paul Sartre, visitou as principais cidades do sudeste, nordeste e centro-oeste brasileiro na companhia dos seus anfitriões Jorge Amado e Zélia Gattai. Os relatos dessa viagem integram o terceiro volume de sua autobiografia intitulada *A Força das Coisas* (1963). Neste artigo investigo a composição de suas descrições do Brasil em estreito diálogo com duas dimensões narrativas: os debates históricos-políticos que marcaram a sua estadia no país, tais quais as noções de “Terceiro Mundo” e de países subdesenvolvidos, e os movimentos de independências das ex-colônias europeias; e os projetos de construção de si elaborados nas suas obras autobiográficas; gênero textual que será apresentado com o auxílio dos estudos teóricos de Philippe Lejeune (1991) e Leonor Arfuch (2010).

Palavras-chave: Relatos de viagem; Brasil; Simone de Beauvoir; Autobiografia.

Abstract: In 1960, Simone de Beauvoir (1908-1986) and Jean-Paul Sartre visited the main cities in the southeast, northeast and central-west Brazilian regions, accompanied by their hosts in the country, Jorge Amado and Zélia Gattai. This trip reports are part of Beauvoir's autobiography, namely its third volume, entitled *A Força das Coisas* (1963). In this paper, my goal is to inquire the composition of the philosopher's descriptions and reports of Brazil in a narrow dialogue with two narrative dimensions: the historical-political debates that marked her time in the South-American country, such as the concepts of "Third-World", underdeveloped countries, and the independence movements of the former European colonies; as well as the projects of Simone de Beauvoir's self-representation in her autobiographic works; literary genre that will be addressed with the aid of Philippe Lejeune (1991) and Leonor Arfuch's (2010) theoretical studies.

Keywords: Travelogues; Brazil; Simone de Beauvoir; Autobiography.

Introdução

“Já estive em bordéis no mundo inteiro, e a mulher ali sempre fecha a porta, seja na Coréia, seja na Índia. [...] Mas essa mulher [Simone de Beauvoir] escancarou a porta e chamou o público e a imprensa.”
Nelson Algren, 1981

Ao final de sua vida e na ocasião de sua nomeação para a Academia Americana de Artes e Letras, Nelson Algren concede uma longa entrevista ao jornalista W. J. Weatherby

* Doutoranda em História - Programa de Pós-graduação em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP - Brasil. Bolsista CNPq, com período de Doutorado Sanduíche (Université de La Rochelle) financiado pela Capes. E-mail: thainacardinalli@gmail.com.

(WEATHERBY apud ROWLEY, 2006, p. 355). Dentre os tópicos abordados, o escritor norte-americano é questionado sobre o seu envolvimento com a escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir, personalidade que não mantinha contato há quase duas décadas e por quem desenvolvera ressentimentos ao longo dos anos em decorrência da exposição do relacionamento deles nas obras ficcionais e nas narrativas autobiográficas da autora. A citação acima retirada desta entrevista, nos revela os desconfortos e as frustrações de um relacionamento sem sucesso; contudo, se nos distanciarmos das mágoas de Algren, chamaria a atenção para o modo como se reporta à ex-companheira. O que lhe incomodava em Beauvoir era o seu desejo de descortinar, ou ainda nas palavras do escritor americano, de “escancarar” sua vida. Projeto pessoal que, inclusive, marcou grande parte de suas produções escritas.

A autora reconhecida internacionalmente pela obra *O Segundo Sexo* (1949), escreveu também uma série de romances, sendo que alguns deles são inspirados em fatos vividos e personalidades do seu convívio, e publicou quatro livros autobiográficos, *Memórias de uma moça bem-comportada* (1958), *A força da idade* (1960), *A força das coisas* (1963) e *O balanço final* (1972).² Segundo a historiadora Eliana Calado, dos vinte e sete livros de Simone de Beauvoir conhecidos até o momento (2011), doze são narrativas auto referenciais. Somam-se as autobiografias e à romances como *Os Mandarins* (1954)³, suas correspondências trocadas com Jean-Paul Sartre, Nelson Algren e Jacques-Laurent Bost, e organizadas postumamente pela sua filha adotiva, Sylvie Le Bon de Beauvoir (CALADO, 2012, p. 23).

Conjunto documental interessante deixado pela escritora francesa se pensarmos nas inúmeras possibilidades de entradas na sua vida pessoal. Enquanto suas correspondências foram escritas quase que simultaneamente aos fatos vividos e com poucos retoques ou censuras, a produção ficcional ou autobiográfica manifesta as intencionalidades de Beauvoir de narrar conflitos profissionais, experiências e aventuras amorosas ao público leitor. É impossível negar a incidência de relatos auto referenciais na totalidade de sua obra bem como a sua curiosidade em entender sua vida, “sua relação com o mundo, seus projetos, [e] sua vocação de escritora” (CALADO, 2012, p. 23). Ao analisar a produção de Simone de Beauvoir, Calabi salienta a dedicação da escritora, ao longo de sua vida, na elaboração de narrativas pessoais, sejam os diários escritos durante a juventude⁴, sejam as correspondências redigidas cotidianamente e, posteriormente, os projetos autobiográficos. Em relação a estas produções, a historiadora aponta que “Beauvoir reiterou em diversos momentos que o seu projeto autobiográfico estava diretamente ligado a uma necessidade de salvar do esquecimento a sua história, de deixá-la registrada para seus contemporâneos” e prossegue, “era, sem dúvida, a expressão de desejos

peçoais: cumprir promessas de juventude, fazer balanços da sua experiência, contar a sua vida de acordo com a sua perspectiva” (2012, p. 23).

Desde o processo de elaboração do primeiro livro autobiográfico, Simone confienciava aos seus colegas-escritores o desejo de realizar uma produção que não fosse meramente descritiva; almejava, ao invés disso, apresentar suas opiniões, impressões e a si própria no texto. Numa de suas correspondências à Nelson Algren, em 1957 – um ano antes da publicação desta obra - conta que estava desenvolvendo um projeto literário diferente dos anteriores: escrevia suas “memórias de infância e juventude”. A fim de evitar se restringir a “uma simples narrativa”, afirma ao ex-amante que propunha investigar “quem era eu? Como me transformei no que sou, em relação ao mundo em que vivia e onde vivo?” (BEAUVOIR, 2000, p. 516).

A preocupação em se auto conhecer assim como em se revelar ao público, conforme discute Calabi na sua tese, acompanha Simone de Beauvoir desde sua juventude e se intersecciona com os fundamentos existencialistas, corrente filosófica da qual participava junto com o seu companheiro Jean-Paul Sartre. São preocupações que evidenciam, por outro lado, o projeto consciente da escritora francesa em escolher quais situações e fatos narrar, como contá-los e, principalmente, por meio de qual gênero narrativo (re)elaborar sua(s) história(s) de vida. Valérie Stemmer atenta-se para tal questão, ao notar a insistência de Beauvoir em narrar determinados acontecimentos de sua vida com sentidos e pontos de vistas diversos. Um fato banal como a compra de um buquê de violetas de um vendedor de baixa estatura, no romance *Quando o espiritual domina* (1979), é descrito minuciosamente: o trajeto realizado pelo florista, os detalhes do buquê e as características do vendedor; enquanto que em *Memórias de uma moça bem-comportada*, a autora rememora tal evento duas vezes, sendo que numa delas a ênfase da narrativa recai menos sobre o ato da compra do que sobre a desilusão amorosa de chegar na casa de seu primo Jacques com o buquê e nem ser notada por ele. Poderíamos ainda acrescentar outros fatos retrabalhados nos diários, romances, relatos autobiográficos e nas correspondências, e que sugerem à Stemmer a infinitude de sentidos, perspectivas e ângulos construídos pela escritora em torno de suas experiências. A vida de Beauvoir, conforme enfatiza a pesquisadora francesa, não é somente passível de ser relatada, mas, sobretudo, constantemente inventada, reatualizada e reelaborada no momento de escrita de suas produções (STEMMER, 2012, p. 196).

No artigo “La tapisserie de Pénélope” (2012), Stemmer aproxima os exercícios de escrita de Beauvoir das artimanhas tecidas pela “opiniâtre Pénélope” (teimosa/persistente Penélope). Assim como a esposa de Ulisses que por longos anos fez e refez a costura de um tecido a fim de evitar um novo casamento durante a ausência de seu marido, a filósofa escreve

e rescreve sua vida e a constrói de acordo com as narrativas nas quais se inscreve (2012, p. 196). Entende, dessa forma, que os acontecimentos relatados estão intimamente entrelaçados aos registros textuais, assim, no seu artigo, ao invés de investigar a veracidade dos fatos, aponta como Beauvoir os encadeia e os organiza no conjunto de sua obra.

Perspectiva interessante apresentada pela autora que nos permite repensar o conteúdo narrado nas autobiografias, tais quais experiências pessoais, percurso profissional, viagens e interlocução com intelectuais, artistas e políticos. Se tais vivências se constroem no momento da escrita, pode-se inferir, igualmente, que acompanham as intencionalidades das produções memorialísticas, ou seja, a vontade da escritora francesa em se auto conhecer e se apresentar ao público leitor. Diálogo entre conteúdos e proposições das obras que podem ser ilustrados também a partir da recepção da produção de Beauvoir. Impossível não lembrar da inquietação dos leitores e da crítica literária frente aos fatos descobertos de sua vida pessoal no momento em que foram publicadas, postumamente, suas correspondências enviadas à Sartre e Algren, e os seus diários pessoais.⁵

Partindo assim dessa íntima relação entre os temas tratados e as expectativas de Beauvoir com a produção de seus livros autobiográficos e com as suas imagens de si, como poderíamos então compreender os relatos da viagem ao Brasil, objeto de estudo desse artigo? Registros de cidades visitadas, personalidades descobertas e trajetos percorridos pelo território brasileiro encontram-se descritos no terceiro volume de suas autobiografias, cuja intenção, conforme vimos nesta primeira parte, é tecida ao longo da obra tanto quanto em outros relatos de Beauvoir. Proponho, dessa forma, investigar de que modo a autora constrói a narrativa de sua viagem ao Brasil interseccionando, de um lado, memórias do que viveu e informações fornecidas pelos seus correspondentes no país, e do outro, os projetos de construção de si – como mulher, escritora, intelectual, companheira de Sartre, amante, ativista política, feminista e filósofa – elaborados nas autobiografias.

Cabe lembrar que em meados de agosto de 1960, a filósofa vem ao país na companhia de Sartre que deveria cumprir compromissos acadêmicos junto às universidades brasileiras, bem como tinha a intenção de divulgar a campanha revolucionária de Cuba e a propaganda a favor da libertação da Argélia em guerra contra o exército francês. Apesar da curta estadia de dois meses, Simone visitou mais de vinte cidades e conheceu personalidades importantes no cenário nacional. São experiências plurais e únicas – visto que nunca mais retornou ao Brasil – que lhe possibilitaram compor um relato de quase oitenta páginas localizado no penúltimo capítulo d'*A força das coisas*.

Ainda que seus relatos desta viagem sejam ricos em detalhes geográficos e socioeconômicos dos lugares visitados, pouco se destacam dentro das narrativas do livro que acompanham as últimas duas décadas vividas pela autora (1945-1963). Ao contrário do que ocorre nos relatos das viagens aos EUA e à China as quais preferiu comentar brevemente n’*A força das coisas* pois já havia publicado duas obras acerca dessas excursões, intituladas *L’Amérique au jour le jour* (1948) e *La longue Marche* (1957); a viagem ao Brasil, por sua vez, encontra-se inscrita integralmente na produção autobiográfica.⁶ Os registros de suas experiências pelo território brasileiro atravessam lembranças de conflitos pessoais, atividades profissionais, casos amorosos, engajamentos políticos e acontecimentos históricos; composição textual que nos permite, do mesmo modo, acompanhar os projetos de construção de si tecidos no decorrer de suas autobiografias. A fim de investigar o entrelaçamento entre narrativas de si e registros da viagem ao Brasil, destaco nesse artigo questões políticas e sociais que permearam o período em que Beauvoir esteve no país assim como lhe possibilitaram a composição de um relato crítico, preocupado e consciente acerca dos fatos presenciados. Discussões e preocupações políticas sobre a situação das nações recém-independentes do domínio europeu, a Revolução cubana e os termos “Terceiro Mundo” e “subdesenvolvimento” que recupero também a partir de textos e artigos de Sartre, seu parceiro intelectual.⁷

Uma francesa nos trópicos

Alguns meses antes de embarcarem para o Brasil, Sartre e Beauvoir viajaram à Cuba onde se encontraram com os líderes da revolução, Castro, Guevara e Jimenez, e também aproveitaram da ocasião para observar as mudanças políticas e sociais que estavam sendo implantadas na pequena ilha. A breve estadia em Havana motiva ambos os escritores a aceitarem os inúmeros convites que recebiam para visitar o Brasil. Simone relembra no terceiro volume de sua autobiografia que centros acadêmicos e personalidades de esquerda como Jorge Amado, os convidavam para realizar conferências no seu país, no entanto, ela e Sartre se sentiam pouco entusiasmados em assumir tais compromissos. Pergunta ao seu companheiro se seria cansaço físico ou moral que explicaria a “apatia” deles frente as novas realidades em construção na América. Para ela, havia outra razão mais intensa que as fadigas corporais e que poderia elucidar os bloqueios de seus sentidos: a guerra na Argélia (1954-1962). Contudo, pontua a autora:

o resto do mundo existia, e não devíamos desinteressar-nos dele. Franqui [diretor do jornal cubano *Revolution*] estava certo: a experiência cubana nos dizia respeito. Uma visita ao Brasil nos esclareceria sobre os problemas dos países subdesenvolvidos; Amado e outros homens de esquerda a desejavam porque pensavam que, através de

conferências e artigos, Sartre lhes poderia ser útil. Permanecer surdos a esses convites, mutilar nossa curiosidade, encolher-nos na desgraça francesa, era uma espécie de demissão. Sartre foi o primeiro a sacudir nossa inércia (BEAUVOIR, 1995, p. 427).

Manter-se “surdos”, “mutilados” de curiosidade e imóveis em relação aos problemas do Novo Mundo, ao seu ver, não era uma postura aceitável, muito menos, condizente com as posições políticas defendidas por ela e Sartre que, nesse período, estavam engajados com a questão da Argélia. Desde que o confronto armado pela a independência deste país africano iniciou-se, em meados de 1954, ambos os intelectuais se posicionaram a favor do território colonizado e contra as ofensivas do exército francês. Manifestavam seu descontentamento com o governo de Charles De Gaulle (1959-1969) em entrevistas, palestras, conferências e, sobretudo, no periódico dirigido e criado por eles, *Les Temps Modernes*. Nele também divulgavam as violências físicas e as torturas sofridas pelos militantes do *Front de Libération Nationale* (FNL), o movimento de resistência argelina. Cabe salientar que Sartre ao defender publicamente a independência da Argélia do Estado francês, passou a receber inúmeras correspondências de militantes e refugiados argelinos que solicitavam sua ajuda, seja financeira, seja política (ROWLEY, 2006, p. 247). Simone, por outro lado, decide reportar tais eventos políticos ao longo de sua autobiografia; inclusive, interrompe o relato do Brasil com a transcrição na íntegra de um manifesto de Sartre em apoio à Francis Jeanson, filósofo francês, acusado de traição pelo governo da França por abrigar membros da resistência argelina.

Preocupações políticas, sem dúvida, atravessam a vinda do casal ao Brasil. Durante a sua estadia aqui, fazem questão de expor suas posições políticas tanto em conferências ministradas nas universidades quanto em discursos oficiais noticiados pelos periódicos da época. Chama a atenção de jornais, tais quais o *Jornal do Brasil* (RJ), *Última Hora* (RJ), *O Estado de S. Paulo* (SP) e *Diário de Pernambuco* (PE), as críticas de Sartre às manobras políticas do presidente De Gaulle e ao uso da violência pelo Estado francês; seus elogios ao movimento cubano pois por meio dele os países da América Latina poderiam traçar novos rumos políticos e conter o avanço do imperialismo norte-americano; e, por fim, sua campanha pela independência da Argélia.⁸ Simone que aparece sempre ao lado do seu companheiro nestes eventos, além de concordar com as posturas políticas dele, compartilha com o público brasileiro outra inquietação: a desigualdade entre homens e mulheres. Na sua palestra proferida na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro⁹, discorre sobre a condição da mulher moderna que ainda era dependente econômica e socialmente dos homens, bem como defende que exerçam alguma profissão para assim, se desvencilharem da submissão ao sexo masculino.

São questões políticas, sociais e de gênero que se sobressaem nos trabalhos de Sartre e Beauvoir e, pode-se inferir, impulsionam a vinda deles ao Brasil tanto quanto atravessaram seus olhares para a realidade brasileira. A chegada deles ao país decorre então de suas curiosidades em relação aos processos sociais oriundos das nações em desenvolvimento, da insistência de certos intelectuais brasileiros para que combatessem os discursos de André Malraux,¹⁰ escritor francês, e do convite para participarem do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, em Recife. Merece destaque, igualmente, a participação de literatos, cientistas sociais, artistas e professores universitários na viagem de Sartre e Beauvoir ao Brasil. Foram responsáveis pela organização das conferências que ambos os intelectuais franceses realizariam, e pela montagem dos itinerários a serem percorridos assim como os levaram à locais e cidades onde poderiam observar os costumes e os modos de vida da população brasileira.

Lembro que n'*A força das coisas*, a escritora francesa confidencia que antes da viagem, ela e Sartre jantaram na residência do pintor Cícero Dias, em Paris, na companhia de Di Cavalcanti e do escritor recifense, Gilberto Freyre. Conversaram sobre as tradições populares do Nordeste no período colonial e sobre a capital recém-construída, Brasília. Recordar-se ainda de ter ganhado do autor de *Casa-Grande & Senzala*, um livro ilustrado sobre Ouro Preto (BEAUVOIR, 1995, p. 446). Se Freyre, Cavalcanti e Dias contam à Simone e ao seu companheiro pequenas curiosidades e fatos históricos sobre o Brasil, Jorge Amado e Zélia Gattai, por sua vez, terão a oportunidade de guiá-los pelo território brasileiro. Além de recepcioná-los e promover encontros e reuniões para que conhecessem personalidades importantes do cenário nacional, o literato baiano e sua esposa os acompanharam na maioria das excursões e dos eventos oficiais.

A aproximação de Beauvoir e Sartre do casal Amado chama a atenção de Régis Tettamanzi, no livro *Les écrivains français et le Brésil* (2004). Percebe nas narrativas da autora, a importância conferida a amizade com Jorge e Zélia, e mais aos passeios, as excursões e os encontros promovidos pelos amigos brasileiros. Na opinião de Tettamanzi, os Amado tiveram um papel relevante durante a estadia do casal francês no Brasil pois sendo guias engajados e conscientes da postura política de Sartre e Beauvoir, lhes ofereceram visitas a fazendas, plantações de cacau, fábricas de fumo, usinas, barragens hidroelétricas etc.; ou seja, lugares que destoavam de roteiros turísticos (TETTAMANZI, 2004, p. 73). São escolhas de itinerários que tanto Tettamanzi quanto a filósofa atribuem quase que exclusivamente à Jorge e Zélia. Fato importante no relato da viagem ao Brasil, uma vez que a ênfase na participação deles na organização e na montagem dos percursos, sugere um estreito diálogo entre o que Simone

observou pelo território brasileiro e os interesses políticos, sociais e culturais do literato baiano e de sua esposa.

A viagem de Beauvoir começa então pelo Recife e logo no aeroporto, ela e Sartre são recepcionados pelo público local, pela imprensa e por Jorge Amado. Durante a estadia de uma semana na capital pernambucana, o casal participou de eventos do Congresso e fez breves passeios na companhia de Amado, dentre os quais destaca-se a visita a uma fazenda¹¹. Conhece, igualmente, o centro e arredores de Recife, agora, na presença das irmãs Lúcia e Cristina. Vindas de uma família abastada, são elas juntamente com Amado que guiam o casal francês por Olinda e lugares históricos do Recife. Enquanto na região central da capital, Simone encontrava edifícios preservados da época colonial e mercados que reuniam contadores de histórias, nos subúrbios presenciou situações de miséria e fome. Nas épocas de seca, este cenário tornava-se, ainda mais, crítico: concentrava camponeses famintos em busca de comida e trabalho. Cristina, sua motorista e guia, lhe atenta para tal realidade ao lhe apresentar também a “orla da cidade, uma zona onde se amontava em barracos de madeira uma população desprovida de tudo” (1995, p.448).

Observações atentas a questões políticas e sociais marcam, do mesmo modo, suas descrições de Salvador, próxima parada da viagem. Ao longo da estadia na capital baiana, Sartre e Beauvoir estiveram acompanhados de Lúcia, Cristina, Jorge e Zélia, e do etnólogo Vivaldo da Costa Lima, soteropolitano e adepto das práticas religiosas do candomblé. Responsáveis por apresentar Salvador aos viajantes franceses, traçam caminhos que recortam a cidade por entre lembranças de infância, locais históricos como igrejas, antigos comércios e ruas principais, e eventos culturais: cultos de candomblé e rodas de capoeira. Amado também a levou para conhecer o mercado localizado próximo ao porto, onde se surpreendeu com os vendedores ambulantes que comercializavam uma variedade de alimentos e objetos. As comidas, os produtos locais e os mercados se destacam no seu relato das visitas guiadas à Salvador, mas também ao Recife, Feira de Santana e Rio de Janeiro. Descrições importantes dentro de suas narrativas pois ao mesmo tempo em que recuperam seus percursos pelo Brasil, nos permitem acompanhar o que viu e, sobretudo, o que apresentou desse “país subdesenvolvido” aos seus leitores.

Em outro mercado, desta vez, situado na “saída da cidade” baiana, salta aos olhos de Beauvoir a extrema pobreza de seus frequentadores. Nas suas palavras, “salvo cerâmicas muito bonitas, os cestos refletiam a miséria dos compradores” e completa “na Bahia também a fome rondava, sobretudo nos lugares que Amado chamava de ‘bairros de invasão’, porque as pessoas

lá se haviam instalado como posseiras”. Moravam nas encostas dos morros em “casebres construídos sobre estacas”, sem nenhuma higiene ou infraestrutura (1995, p. 451).

A extrema pobreza, a seu ver, se relacionava com a segregação racial da população baiana: 70% dos seus habitantes eram negros, na maioria dos casos, descendentes de escravos que chegaram ao estado para trabalhar nas fazendas de cana-de-açúcar. Divisão racial que, aliás, não impossibilitou a incorporação das práticas religiosas do grupo étnico nagô, descendência dos escravos, na “liturgia católica”; originando assim uma “religião sincrética, o candomblé” (BEAUVOIR, 1995, p. 454). A tríade, negro, pobreza e religiosidade, presente nos relatos sobre a Bahia se estende, igualmente, para as observações das favelas do Rio de Janeiro que concentravam grande parte da população negra da capital. Segundo a filósofa, neste ambiente miserável, sujo e repleto de doenças podia-se acompanhar os rituais de “macumba” – “muito diferentes dos tranquilos candomblés da Bahia” – onde seus praticantes, muitas vezes, se queimavam e feriam-se (1995, p. 462). Seja nos comentários das favelas da capital carioca ou dos terreiros de candomblé de Salvador, seja nas considerações a respeito das desigualdades sociais presenciadas no Brasil, Simone enfatiza o descompasso econômico e político do negro na sociedade brasileira e sua busca pelas tradições religiosas africanas na tentativa de se esquivarem dos problemas sociais.

Cabe ressaltar que uma das paradas obrigatórias do passeio guiado por Amado e Vivaldo em Salvador, era nas casas de candomblé; espaço onde a filósofa francesa pode observar os rituais praticados, a cerimônia de iniciação das meninas e o transe mediúnico. Relatou detalhadamente estes processos assim como se propôs a interpretar o que ocorria durante o transe. Para ela, o momento em que as mães-de-santo recebem os orixás, simbolizaria para os negros o ato de ruptura com as amarras sociais e de (re)descobrimto de seus costumes. Dessa forma, o transe se relaciona menos com questões patológicas do que com fatos de “ordem cultural”, conforme explica:

encontramos experiências análogas [ao transe] em todos os lugares onde indivíduos estão divididos entre duas civilizações. Obrigados a se dobrarem ao mundo ocidental, os negros da Bahia, outrora escravos, hoje explorados, sofrem uma opressão que chega a lhes tirar a posse de si mesmos; para se defenderem, não lhes basta conservar seus costumes, suas tradições, suas crenças: eles cultivam as técnicas que os ajudam a se arrancar, através do êxtase, da personagem mentirosa na qual foram aprisionados; no instante em que parecem perder-se é que se reencontram: eles são possuídos, sim, mas por sua própria verdade (BEAUVOIR, 1995, p. 454).

Simone observadora atenta e, sobretudo, intelectual sensível aos problemas sociais – conforme constrói na sua narrativa –, não deixa de enfatizar o caráter libertário dos processos mediúnicos. Fato que lhe permite ilustrar aos leitores a importância do candomblé na sociedade brasileira tanto quanto na trajetória pessoal e profissional dos seus acompanhantes no Brasil.

Jorge, Zélia e Vivaldo, por exemplo, participavam assiduamente das cerimônias como, do mesmo modo, ressalta a presença do cineasta francês, Henri-Georges Clouzot, e do etnólogo e fotógrafo, Pierre Verger, no terreiro de “Mãe-Senhora”.

A viagem pela Bahia se prolonga para além dos terreiros de candomblé. Simone também é convidada para visitar cidades que, de acordo com as suas descrições, formavam um panorama econômico e cultural do estado. Antes de descrevê-las, recorda aos leitores que o pai de Jorge Amado era plantador de cacau; tema que o inspirou a escrever seu primeiro romance, *Cacau* (1933). No *Terras do sem-fim* (1943), por sua vez, o literato trata das disputas de terras no sul da Bahia e das relações violentas entre coronéis e negros. Trama que ganha continuação no *São Jorge de Ilhéus* (1944). Em relação a mais recente produção literária do escritor brasileiro, *Gabriela cravo e canela* (1958), Beauvoir ressalta que a história se passa em Ilhéus, “o porto do cacau”; lugar que Amado “desejou levar-nos para conhecê-lo”. Seu guia lhe apresenta esta cidade portuária como também Itabuna e suas extensas fazendas de cacau, Feira de Santana, famosa pelos mercados e pelas feiras regionais, Cachoeira, cidade produtora de fumo, e por fim, “a cidade do petróleo” que abrigava uma extensa refinaria da Petrobrás (BEAUVOIR, 1995, p. 457-458).

Dentre as cidades visitadas no interior e no litoral do estado, ganha destaque a refinaria construída no sul da Bahia, pois de acordo com as informações fornecidas pelos seus guias, era resultado dos programas de incentivo ao monopólio estatal do petróleo criados durante a gestão do presidente Getúlio Vargas (1951-1954). Beauvoir nos conta ainda que a Petrobras, empresa nacional de extração de petróleo, apesar de contratar alguns técnicos estrangeiros, tinha o total controle de sua produção, possuía os mais novos recursos para a exploração e provia seus funcionários de todos os aparatos legais (1995, p.458). Nota-se neste trecho como em outras passagens da narrativa sobre o Brasil a ênfase na questão nacional, ora em projetos políticos que visassem a autonomia econômica do país, ora em produções culturais que retratassem os costumes e modos de vida do povo brasileiro. São formas de olhar para o Brasil que dialogam com as preocupações de Jean-Paul Sartre que, neste momento, se interessava pelas dinâmicas sociais das antigas colônias europeias.

Nas palestras proferidas durante a sua estadia no país, o escritor e filósofo francês ressaltava, conforme vimos anteriormente, a importância da Revolução cubana e da luta argelina pela sua independência na contestação da(s) política(s) imperialista(s) vigente(s). Para ele, as nações do “Terceiro Mundo” em decorrência do seu contexto histórico-político vivenciado possuiriam uma “potencialidade revolucionária”. Dito de outro modo, os países vítimas das explorações do período colonial e marcados pela explosão demográfica,

dependência econômica e grande diferença social, teriam a capacidade de combater o imperialismo norte-americano ou ainda os avanços do regime soviético (ALMEIDA, 2009, p.42).¹²

Importante ressaltar que o termo “Terceiro Mundo” como sinônimo da também pejorativa denominação “mundo subdesenvolvido”¹³ foi utilizado pela primeira vez em 1952 pelo economista, demógrafo e sociólogo francês, Alfred Sauvy, num artigo intitulado *Trois mondes, une planète* e publicado no jornal francês *L’Observateur*. Conforme continua Marcin Wojciech Solarz, o termo de Sauvy faz referência a um terceiro mundo que não seria nem o das nações capitalistas, nem o dos países do bloco comunista; conceito, aliás, que acompanha a configuração política mundial imposta pela Guerra Fria e o movimento de descolonização de ex-colônias europeias na África e Ásia. O termo cunhado na língua francesa (*Tiers Monde*) não pressupõe uma hierarquização entre os mundos, ao invés disso, pontua a existência de uma outra realidade: a posição política, econômica e cultural marginal das nações, principalmente, provenientes da parte sul do globo (SOLARZ, 2012, p. 1562-1563).

Tais formulações ganham destaque no meio acadêmico com o livro do sociólogo e antropólogo francês Georges Balandier e dedicado a A. Sauvy, *Le Tiers Monde: sous-développement et développement* (1956), com a revista *Tiers Monde*¹⁴ criada em 1959 pelo economista francês, François Perroux, e com a publicação de Peter Worsleu, antropólogo britânico, intitulada *The Third World* (1964). Ao mencionar no título de sua obra tal conceito, Worsleu reconhece sua utilização e se apoia nele para entender os diferentes tipos de nacionalismo (SOLARZ, 2012, P. 1564). Outra repercussão do termo pode ser percebida entre os movimentos políticos da época, tais quais a Conferência de Bandung na Indonésia, em 1955. Nela se reuniram vinte nove países da Ásia e África¹⁵ e mais dirigentes de movimentos anticoloniais, com a proposição de estabelecer “estratégia[s] de intervenção no processo de descolonização em curso de outros países”, são elas, aceitação a soberania dos Estados, igualdade entre os povos e nações, cooperação entre os países, respeito a justiça internacional e o auxílio a independência das regiões ainda colonizadas. São princípios que, para Almeida, lançam “as bases de uma institucionalização efetiva da ideia de Terceiro Mundo” (ALMEIDA, 2010, p. 50). O historiador lembra ainda que durante as décadas de 1950 e 1960, houve outros encontros internacionais com a prerrogativa de formular ações contra o domínio imperialista e/ou de estabelecer a união entre as nações recém-independentes do domínio europeu.¹⁶

Se o termo *Tiers Monde* de Sauvy ressaltava a existência de um novo cenário mundial, a sua recorrente utilização e, sobretudo, a incidência dos movimentos de independência lhe acrescentam mais um significado: o caráter libertário, revolucionário das nações

“subdesenvolvidas”. Ideia presente nas leituras de Jean-Paul Sartre d’*Os condenados da terra* (1961), obra do psiquiatra e filósofo martiniquense, Frantz Fanon. Ambos os escritores chamavam a atenção para o fato de que em decorrência da opressão, submissão, escravidão ou mesmo destituição de seus bens materiais, as lutas dos povos coloniais poderiam ser mais radicais, conduzindo assim a uma emancipação efetiva. Dessa forma, era, igualmente, necessário a união dos territórios africanos, asiáticos e latino-americanos no combate a soberania das nações imperialistas tanto quanto na construção de um socialismo revolucionário (SARTRE, 1968, p.140-141). A confiança na “potencialidade revolucionária” dos países terceiro-mundistas também aparece nos ensaios de Sartre preocupados em entender a situação desfavorecida dos negros no contexto mundial. A questão racial é um problema, principalmente, para as nações subdesenvolvidas, na medida em que a violência direcionada aos negros tornou-se um instrumento de dominação da população. Apenas a consciência de sua situação oprimida e dependente, de acordo com Sartre, levaria a uma ação combativa e transformadora do poder político (ALMEIDA, 2010, p. 62).

O historiador Rodrigo Almeida identifica ainda nas produções literárias, teatrais e acadêmicas de Sartre um projeto de conscientização política e de libertação do indivíduo. Em relação à literatura, os “novos rumos se dariam, justamente, segundo Sartre, pela obra engajada, compromissada e antiburguesa” (2009, p. 29). No seu livro *Que é a literatura?* publicado em 1947, tal questão já aparece nas suas reflexões. Sobre a função da literatura e consequentemente, do escritor explica que ambos não deveriam concentrar-se em narrar problemas individuais ou isolados. Ao invés disso, lhes cabia evidenciar, ou melhor, abordar situações, cenas e experiências vivenciadas pelo povo. Papel social que, ao seu ver, tinha grande relevância entre os escritores originários de países terceiro-mundistas pois por meio de uma literatura nacionalista e popular, poderiam conscientizar e engajar a população. No discurso proferido na Faculdade de Filosofia em Araraquara, Sartre esclarece sua posição sobre o engajamento do escritor e a literatura popular, utilizando-se do Brasil como exemplo. Nas suas palavras:

creio que uma literatura popular deva expressar necessariamente os problemas e as contradições do país em luta contra o subdesenvolvimento. Fora disso não há literatura popular, há exotismo. [...] a necessidade de exprimir a totalidade de uma realidade contrária é um problema novo que nunca foi colocado na literatura clássica ou burguesa. Escrever um livro que conta a história de um pescador pobre do nordeste brasileiro, mas que ao mesmo tempo, reflita a condição do sul do país, já em fase de industrialização, e dê, portanto o sentido de totalidade de uma realidade, a fim de que possa expressar fielmente a situação, e ser compreendido, é um problema que exige solução estética difícil e cuja boa realização constitui exatamente a problemática da Literatura Popular (SARTRE apud ALMEIDA, 2009, p. 65).

O livro *Gabriela, cravo e canela* de Jorge Amado, aos olhos do filósofo francês, seria uma “tentativa bem-sucedida” de Literatura Popular (CONFERÊNCIA, 1960, p.2). Cabe destacar que, neste momento, Sartre também apoiava as produções literárias e/ou político-filosóficas elaboradas por escritores originários de nações “subdesenvolvidas”. Escreveu, inclusive, o prefácio da obra citada anteriormente de Fanon e mais a de Albert Memmi, escritor e ensaísta nascido na Tunísia, *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1957) e o livro que reúne os escritos de Lumumba, líder político congolês, *La pensée politique de Patrice Lumumba* (1963).

Nas análises de Jean-Paul Sartre, há um entrelaçamento entre os seguintes temas, nações do “Terceiro Mundo”, soberania, desigualdade econômica e social, engajamento político e movimento libertário. Tais tópicos atravessam, conforme vimos anteriormente, os relatos autobiográficos de Simone de Beauvoir o que evidencia, de um lado, a proximidade com as posições políticas do seu companheiro e, do outro, o compartilhamento dessas análises para o entendimento das situações presenciadas pelo território nacional – ou ainda, o território visto através das lentes de Jorge Amado e Zélia Gattai. Ressaltar os interesses políticos e a constante presença de seus anfitriões durante a viagem lhe possibilita elaborar uma narrativa preocupada em apontar, compreender e explicar as contradições sociais do Brasil e, ao mesmo tempo, um olhar mais “verdadeiro” pois, de acordo com o que constrói no seu texto, o que viu se aproxima ou foi retirado das obras literárias de Jorge Amado. O Brasil apresentado pelos correspondentes é então marcado pelas tradições culturais, descendência negra, fazendas, comidas regionais, mercados, religiosidade, favelas e políticas econômicas nacionais; ou seja, temas que destacam um país parcialmente industrializado, dependente ainda da economia agrária, voltado para seus costumes e produtos locais, e cuja população carregava as marcas das explorações do período colonial.

São aspectos que enfatizam as dinâmicas de um país, a seu ver, subdesenvolvido e justificam a vinda – engajada e compromissada – dela e de Sartre com a prerrogativa de realizar conferências sobre os problemas das outras nações em desenvolvimento bem como de divulgar a campanha revolucionária cubana. Contudo além das preocupações políticas, sociais e de gênero que acompanham a viagem de Beauvoir, a organização, montagem e sequência da narrativa do Brasil indicam um entrelaçamento entre estes relatos e os projetos de construção de si desenvolvidos ao longo das autobiografias.

Autobiografia, projetos de si e o público-leitor

O artigo de Jeri English, *Réinscriptions du sujet écrivain* (2010), nos desperta instigantes considerações sobre a função dos prefácios, prólogos e epílogos na obra autobiográfica de Simone de Beauvoir. Lhe interessa entender, se estes recursos narrativos que, em geral, tem o papel de “controlar” a recepção de um livro, teriam importância dentro dos registros autobiográficos. O autor-autobiógrafo, ao ser personagem de sua história tanto quanto narrador dela, já se comunicaria diretamente com o público, logo as introduções e conclusões perderiam sua função. Para English, no entanto, tais recursos são importantes e, sobretudo, fundamentais na obra beauvoriana, uma vez que nestes espaços a autora explica seus livros, as críticas recebidas e justifica fatos de sua história pessoal assim como conversa com os leitores. Nas palavras da pesquisadora, “o paratexto [vulgo os prólogos, prefácios e epílogos] abriga, portanto, o lugar de uma reflexão metatextual sobre o projeto autobiográfico”, o que oferece à Beauvoir “a oportunidade de se aproximar mais do leitor no presente da enunciação e, dessa maneira, estabelecer novas relações com o seu público (ENGLISH, 2010, p. 249).¹⁷ Estrutura narrativa identificada nos prefácios d’*A força da idade*, d’*A força das coisas* e d’*O balanço final*, onde a filósofa constrói um estreito diálogo com o público que lhe permite formar imagens de si.

Ao avançar nos escritos de Simone de Beauvoir como também nos seus trabalhos filosóficos ligados ao existencialismo, English pontua a importância do “outro” na constituição do “eu” dentro do pensamento beauvoriano. Relação construída extensamente na célebre obra, *O Segundo Sexo*, cujo sujeito-mulher analisado se define a partir do outro-homem (ENGLISH, 2010, p. 249). Se o “Outro” tem um lugar importante dentro de seu pensamento, conseqüentemente nas suas autobiografias, ele também ganha uma posição de destaque na composição do eu-escritora. English lembra ainda que tais relações entre o “eu” e o “outro” se apresentam seja no interior das narrativas pessoais de Beauvoir por meio das descrições dos amigos, intelectuais e casos amorosos vivenciados, seja externamente ao texto por meio da figura do leitor. O público assume então o papel ativo na narrativa, sendo capaz de reconstituir o passado da autora e ao mesmo tempo, entender seu momento presente e o seu projeto de vir-à-ser (2010, p. 251). Os paratextos nas autobiografias, conclui a autora, cumpriram a função de aproximar a filósofa francesa desse outro-leitor e a partir deles empreender suas construções de si.

Jeri English nos atenta para uma figura importante nos escritos autobiográficos de Beauvoir: o leitor. É por meio dele que a filósofa se define e organiza a narrativa do livro, se nos recordarmos, por exemplo, que seu relato pessoal pretendia também desfazer os mal-entendidos criados em torno de sua vida, tais quais as relações íntimas com Jean-Paul Sartre e

com outros intelectuais franceses (CHAPIUS, 2009/2010, p.32). Havia uma expectativa tanto do público-leitor composto, principalmente, por mulheres que já conheciam a obra *O Segundo Sexo* quanto da autora de que suas memórias pudessem assumir um papel político e emancipatório, uma vez que seu sucesso profissional não se atrelava ao casamento, muito menos, a maternidade (2009/2010, p. 33). Imagem construída ao longo de *Memórias de uma moça bem-comportada*, em que Beauvoir demarca que ao contrário das outras mulheres de sua época, pode continuar seus estudos ingressando assim em filosofia na Universidade de Sorbonne. No entanto, tal postura da autora diante de sua história muda no decorrer das narrativas pessoais, onde temas como os confrontos armados na Argélia, o engajamento político e a velhice atravessam os fatos narrados e impõem ao texto um tom negativo e melancólico (2009/2010, p. 35). Seus leitores, alguns deles correspondentes ativos da filósofa, notam tais diferenças assim como expressam insatisfações frente aos rumos de sua vida. Um desses descontentamentos direcionava-se a sua relação íntima confundida, por vezes, com uma dependência à figura de Jean-Paul Sartre. O incômodo do público foi tão grande – inclusive acusavam seus livros de serem pensados e redigidos por ele –, que no epílogo d'*A força das coisas*, Simone se sentiu impelida a reafirmar a escolha pessoal e profissional de estar ao lado dele.

Reafirmar seu lugar junto à Sartre¹⁸ e conceder explicações acerca de sua vida pessoal e profissional indicam a preocupação de Simone de Beauvoir em tratar de temas e questões que partem de um público-leitor carregado de sentimentos em relação as suas produções autobiográficas. Expectativas e desejos desses leitores que, segundo Marion Chapius, orientam-se pelo gênero do texto, entendido aqui tanto pelos aspectos formais¹⁹ quanto pela construção dos fatos narrados. Por meio de táticas de convencimento como a retórica, de recursos linguísticos e da exposição dos eventos vivenciados, o leitor – que também constrói a interpretação da obra – deverá acreditar que o que lê ocorreu, realmente, na vida do autor. Dessa forma, Chapius recorre a Philippe Lejeune para definir, ou ainda reafirmar as leituras dele acerca do pacto existente entre leitor e autor nas narrativas autobiográficas. O “pacto autobiográfico”, conceito cunhado por Lejeune, seria então esse acordo do público com o escritor, sendo que “este último faz uma declaração de intenção e assume compromissos em relação à sinceridade que ele implementará para contar sua história” (CHAPIUS, 2009/2010, p. 29)²⁰. Não ao acaso a pesquisadora francesa se apropria deste conceito, pois lhe chama a atenção nas introduções e nos epílogos dos livros pessoais de Beauvoir, a insistência dela sobre a veracidade dos acontecimentos narrados.

Conforme pontua Lejeune no *El pacto autobiográfico* (1991), uma autobiografia não é um jogo de adivinhação, onde o leitor tenta descobrir se há semelhanças entre o autor e a personagem. Ao invés disso, há acordos implícitos entre o leitor e o autor que estruturam o gênero autobiográfico, são eles, o “pacto autobiográfico” que garante a correspondência das três funções, autor, narrador e personagem; e o “pacto referencial”, cuja função é assegurar que a narrativa deva *se parecer* ou *ser igual* a realidade (LEJEUNE, 1991, p. 53-55). O autor-narrador-personagem, portanto, é aquele que vivenciou uma série de fatos no passado e propõem recontá-los no presente. Assim, nas narrativas autobiográficas, ao retratar *sua* vida, *suas* experiências e *suas* escolhas, impõe-se ao leitor um tom de sinceridade e autenticidade à história relatada.

Definição do gênero autobiográfico elaborada por Lejeune que desperta também o interesse de outra autora, Leonor Arfuch. No seu livro *O espaço biográfico* (2010), preocupada em desmistificar a homogeneidade do discurso autobiográfico, a teórica argentina analisa os limites e as possibilidades do conceito “pacto autobiográfico”, noção que permeou muitos estudos vindos desse campo temático. O teórico francês com a formulação de tal conceito pressupõe a estreita relação entre o autor da enunciação e o autor do enunciado, vulgo a igualdade das funções literárias, autor, narrador e personagem. Aos olhos dela, Lejeune coloca num mesmo nível autor/nome/assinatura e discurso; proposta que pretende refutar a partir da leitura de Mikhail Bakhtin. Retira de suas análises, a inexistência de uma identidade comum entre autor e personagem nos registros autobiográficos, uma vez que “experiência vivencial” e “totalidade artística” são processos distintos. Dito de outro modo, a narrativa pessoal nunca corresponderia aos fatos vividos e, por outro lado, a personagem deve ser entendida como uma construção textual criada num tempo presente que se reporta à um ser projetado no passado. Nas palavras de Arfuch, esta diferenciação

tratar-se-à, simplesmente, de literatura: essa volta de si, esse estranhamento do autobiógrafo, não difere em grande medida da posição do narrador diante de qualquer matéria artística e, sobretudo, não difere radicalmente dessa outra figura, complementar, a do *biógrafo* – um outro ou “um outro eu”, não há diferença substancial -, que, para contar a vida de seu herói, realiza um processo de identificação e, conseqüentemente, de valorização (ARFUCH, 2010, p.55-56).

Há um estranhamento do autobiografado frente a sua história de vida, processo semelhante entre o autor de romances e o enredo criado. Este distanciamento do indivíduo da narrativa de sua história é o que lhe possibilita ordenar, organizar e contar os fatos vivenciados. Assim Arfuch identifica nos discursos autobiográficos a presença do elemento ficcional, ou seja, o processo inventivo do autor-autobiógrafo na construção do seu relato pessoal.

Se o leitor acredita e cria expectativas em relação a narrativa autobiográfica, podemos então inferir acerca do cuidadoso trabalho do escritor em convencer o público de que a história exposta representa, de fato, sua vida. A posição privilegiada de Simone como intelectual e, anteriormente às suas memórias, autora de romances, lhe permite fazer uso de técnicas linguísticas a fim de conduzir seus leitores, seja por meio de prefácios, prólogos ou epílogos, seja no decorrer dos relatos autobiográficos, a confiar na história contada. São processos de escrita e reescrita tecidos ao longo dos anos, de rememoração, de repensar e remontar suas experiências que, de um lado, lhe auxiliam a criar um percurso coerente e linear de sua vida e, do outro, a envolver seus leitores na narrativa apresentada. A título de exemplo, destaco os inúmeros exercícios de criação da figura de Zaza, sua amiga de infância e juventude, que morreu com vinte e um anos. Ela pertencia a uma família burguesa e católica, cuja mãe controladora a impediu de seguir seus estudos universitários e de se casar com Maurice Merleau-Ponty, por quem estava apaixonada. Simone ensaiou por diversas vezes em retratar sua triste história; primeiramente por meio da personagem Anne, em dois romances inacabados escritos durante a década de 1930. Não contente com o resultado, a representa como Germaine, personagem do romance *Os Mandarins*, no entanto, a parte dedicada à ela foi suprimida da versão final. Em seguida, em 1954, escreve uma “nouvelle” em que aborda a história pessoal, os conflitos amorosos e os problemas familiares de sua amiga; projeto rejeitado por Sartre e, portanto, abandonado pela autora. E por fim, a história de Zaza se concretiza nas *Memórias de uma moça bem-comportada*. Ao lado de sua narrativa pessoal, Simone descreve a relação que teve com a amiga de juventude, a recolocando num lugar privilegiado no decorrer do texto; inclusive, as últimas páginas do livro são dedicadas à morte dela, ao invés de seu encontro com Jean-Paul Sartre (LECARME-TABONE, 2010, p.9). Retraçar as conversas e diálogos literários, os questionamentos de infância e as divergências familiares de ambas as amigas, permite à Beauvoir formar imagens de si que ora se opõem a trajetória de Zaza, ora se articulam com as intencionalidades dos registros memorialísticos: mostrar como se tornou esta mulher-escritora-intelectual-engajada-feminista do presente.

Somam-se as diversas tentativas de recontar a história de Zaza, outros eventos pessoais e profissionais reelaborados pela autora no decorrer de sua vida e que nos indicam um entrelaçamento elaborado, sobretudo, nos relatos autobiográficos entre conteúdos (fatos vividos), intenções das narrativas, expectativas dos leitores e projeções, ou melhor, construções ficcionais de si. Se em *Memórias de uma moça bem-comportada*, Beauvoir reúne experiências de cunho pessoal e familiar que contribuem para o entendimento de suas posturas e ações atuais, na sequência dos livros autobiográficos, eventos históricos, conflitos políticos e viagens por

diversas regiões, ganham destaque na composição da autora-personagem. Em entrevista concedida à Madeleine Chapsal em 1960, Simone revela que optou ao longo de suas autobiografias pela omissão de detalhes de sua vida íntima e, por outro lado, a partir do segundo volume, pela escolha de ressaltar aspectos políticos e históricos que atravessaram sua trajetória (CHAPSAL, 1979, p.388-389). Proposta que lhe permitiria se interrogar,

sur mes rapports avec mon époque. Pour me remettre dans l’atmosphère de ma jeunesse, j’ai relu les hebdomadaires, *Vendredi, Marianne*, les livres que je lisais. J’ai pu me rendre compte à quel point moi et même Sartre (...) nous étions portés par le courant. Celui que suivaient tous les intellectuels de “gauche”. Le milieu m’investissait beaucoup plus que je le croyais. (CHAPSAL, 1979, p. 388)²¹ [grifos meus]

Aliar acontecimentos históricos-políticos à sua narrativa pessoal seria, ao meu ver, uma forma de construir junto aos leitores imagens de si preocupadas com os problemas de seu tempo e, do mesmo modo, demarcar seu lugar político ao lado de Sartre. Retraçar o período da Segunda Guerra Mundial, o confronto argelino, o processo de independência de algumas ex-colônias francesas, a Revolução Cubana, as manifestações de “Maio de 68” e os movimentos de Libertação feminina, permite a Beauvoir elucidar e ainda explicar suas posturas combativas e engajadas frente aos conflitos mundiais. No entanto, a autora que inicia suas memórias em 1958, não é mais a mesma pessoa que presenciou os fatos narrados. Importante lembrar que no momento em que escreve suas produções autobiográficas já havia publicado dois livros renomados, *O Segundo Sexo* e *Os Mandarins*, era reconhecida intelectual e profissionalmente, e estava no auge dos seus cinquenta anos, portanto, distante ainda da velhice. São, desse modo, imagem(ns), postura(s), percurso profissional e vida pessoal no presente, que lhe exigem um olhar seletivo e ordenado ao seu passado.

Considerações finais

Dentro deste processo de reconstrução consciente, compromissada e engajada de suas memórias, é que se encontra a narrativa da viagem ao Brasil. Ao descrever o território brasileiro por entre aspectos culturais, desigualdades sociais e econômicas, e políticas nacionalistas, Simone retrata o que viu, o que os *leitores esperavam* que ela visse pois compartilhavam de imagens semelhantes do Brasil; e, do mesmo modo, o que *ela queria projetar* à eles em relação a sua postura de intelectual vinda de um país de “primeiro mundo”, consciente dos problemas enfrentados e comprometida com a luta pela emancipação das nações “terceiro-mundistas”. Nestes relatos, faz questão de apontar a presença de determinados intelectuais e políticos – Jorge Amado, Zélia Gattai, Vivaldo da Costa Lima, Cícero Dias, Di Cacalvanti e Gilberto Freyre, e mais os nomes de Oscar Niemeyer, Júlio de Mesquita Filho e Juscelino Kubistchek –

e de certas características das cidades visitadas – traços culturais, econômicos e políticos; ou seja, temas e personalidades que reafirmam seus esforços em criar imagens de si entrelaçadas à projetos políticos e sociais, e, sobretudo, em diálogo com correntes ligadas à esquerda. Ao eleger lugares e situações para descrever a viagem ao Brasil, Simone compõe um panorama de si própria adentrando os trópicos; visita que longe de parecer ingênua, despreocupada ou repousada, uma vez que era Sartre quem deveria cumprir compromissos profissionais e não ela; alia ao seu relato um tom crítico e preocupado.

Suas descrições do Brasil, sem dúvida, acompanham os conceitos, saberes e imagens do país de que dispunha no momento, pois, conforme nos recorda a filósofa Anne Cauquelin n’*A invenção da paisagem* (2000), o ato de ver está intimamente relacionado ao ato da compreensão. Com isso, percebe que o indivíduo não vê, simplesmente, aquilo que o cerca, ele somente enxerga com o auxílio do quadro conceitual do qual dispõe e completa ainda, “só vemos o que já foi visto e o vemos como deve ser visto” (CAUQUELIN, 2007, 96). Dessa forma, os estudos de Beauvoir e de seu companheiro em torno dos termos “Terceiro Mundo”, países subdesenvolvidos e os movimentos de independências das ex-colônias europeias vão permear suas leituras do Brasil assim como suas explicações para os fatos presenciados, tais quais os transe mediúnicos e/ou as desigualdades raciais. Por outro lado, a ênfase em determinadas situações, cenas e personagens nos aponta para um exercício reflexivo tecido nas autobiografias de construção de sua história pessoal e, sobretudo, de seu papel de intelectual, escritora e engajada com as lutas políticas e sociais de uma França que, neste momento, buscava se recolocar no cenário mundial como solução para as crises das nações terceiro-mundistas.

Referências

ALMEIDA, Rodrigo Davi. *Sartre no Brasil: expectativas e repercussões*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

_____. *As posições políticas de Jean-Paul Sartre e o Terceiro Mundo (1947-1979)*. 2010. Doutorado em Curso de História, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis, 2010. Disponível em: <https://alsafi.ead.unesp.br/handle/11449/103131>. Acesso em: 02 ago. 2018.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BANCEL, N., BLANCHARD, P. e LEMAIRE, S. *Culture coloniale en France De la Révolution française à nos jours*. Paris : CNRS Éditions, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *A força das coisas*. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_____. *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico, 1947-1964*. Trad. E edição de Marcia Neves Teixeira e Antonio Carlos Austregesyo de Athayde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CALADO, Eliana Alda de Freitas. *Autobiografias de Simone de Beauvoir: sujeito, identidade, alteridade*. Doutorado defendido no Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CHAPSAL, Madeleine. Une interview de Simone de Beauvoir par Madelaine Chapsal. In FRANCIS, Claude e GONTIER, Fernande (Org.) *Les écrits de Simone de Beauvoir*. Paris : Gallimard, 1979, p. 381-396.

CHAPIUS, Marion. *Réception, lecteur et autobiographie : les Mémoires de Simone de Beauvoir*. Mestrado em “Lettres et Arts”, Université de Stendhal Grenoble III, Grenoble, 2009/2010.

CONFERÊNCIA de Sartre: Cuba, Literatura e Nacionalismo. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1960, p.2.

ENGLISH, Jeri. Réinscriptions du sujet écrivain : le paratexte aux mémoires de Simone de Beauvoir. *Neohelicon*, Budapeste, vol. 37, n. 1, p.247-261, 7 abr. 2010. Disponível em : <http://dx.doi.org/10.1007/s11059-010-0062-9>. Acesso em 05 ago. 2018.

GALSTER, Ingrid. “Une femme machiste et mesquine”. La réception des écrits posthumes dans la presse parisienne. In : GALSTER, Ingrid. *Beauvoir dans tous ses états*. Paris: Éditions Tallandier, 2007, p.247-266.

JEANNELLE, Jean-Louis e LECARME-TABONE, Éliane. Introduction. Les temps des mémoires. IN BEAUVOIR, Simone de. *Mémoires*. Paris : Éditions Gallimard, 2018.

LECARME-TABONE, Éliane. D’Anne à Zaza : une lente résurrection. In DECOUSU, Cécile (dir.) *SELF XX-XXI, Journée d’étude « Zaza, figure et traces »*, abril 2010. Disponível: <https://self.hypotheses.org/files/2018/11/DAnne-a-Zaza.pdf>. Acesso 14 fev. 2019.

LEJEUNE, Phillipe. El pacto autobiográfico. In LOUREIRO, Angel G. (coord.) La autobiografía y sus teóricos: estudos y investigacion documental. *Suplementos Anthropos. Monografias temáticas*, Barcelona, n. 29, 1991, p. 53-58.

NIEDERLE, Paulo André e RADOMSKY, Guilherme F. W. (orgs.) *Introdução às teorias do desenvolvimento*. Coord. pelo SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora, UFRGS, 2016.

POISSON, Catherine. *Sartre et Beauvoir: du je au nous*. Amsterdã-Nova Iorque: Editions Rodopi B.V., 2002.

RÉMOND, René. *O Século XX. De 1917 aos nossos dias*. Trad. Octavio Mendes Cojado. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

ROWLEY, Hazel. *Tête-à-tête*. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SARTRE faz a defesa da literatura popular. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 27 ago. 1960 apud ALMEIDA, Rodrigo Davi. *Sartre no Brasil: expectativas e repercussões*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. Os malditos da terra. In SARTRE, Jean-Paul. *Colonialismo e Neocolonialismo* (Situações V). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

STEMMER, Valérie. La tapisserie de Pénélope. In: LECARME-TABONE, Éliane et JEANNELLE, Jean-Louis (dir.) *Simone de Beauvoir*. Paris, Éditions de L'Herne, 2012, p. 193-197.

SOLARZ, Marcin Wojciech. 'Third World': the 60th anniversary of a concept that changed history. *Thrid World Quarterly*, vol. 33, n. 9, 2012, pp. 1561-1573. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/01436597.2012.720828>. Acesso em 15 jul. 2018.

TETTAMANZI, Régis. *Les écrivains français et le Brésil*. La construction d'un imaginaire de La Jangada à Tristes Tropiques. Paris: L'Harmattan, 2004.

WEATHERBY, W.J., The Life and Hard Times of Nelson Algren, *Sunday Times*, Londres, 17 de mai. 1981. Apud. ROWLEY, Hazel. *Tête-à-tête*. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Enviado em 22 de fevereiro de 2019

Aceito em 12 de junho de 2019

¹ Esse artigo apresenta parte das discussões elaboradas no decorrer do estágio de Doutorado Sanduíche financiado pela Capes (processo n. 88881.188343/2018-01).

² Na introdução da coletânea *Mémoires* organizada pela editora Gallimard (2018), Jean-Louis Jeannelle e Éliane Lecarme-Tabone pontuam que além dos livros mencionados, escolheram para compor a obra outras ficções-autobiográficas da autora: *Uma morte muito suave* (1964) e *A Cerimônia do Adeus* (1981). Apesar da abrangência de obras de cunho pessoal e da diversidade de gêneros textuais utilizados para narrar sua vida, me deterei mais detalhadamente na segunda parte do artigo sobre as possibilidades narrativas dos registros autobiográficos de Beauvoir no que tange a construção do relato da viagem ao Brasil.

³ O livro dedicado à Nelson Algren, narra os conflitos emocionais e os engajamentos políticos de um grupo de intelectuais franceses no período pós-Segunda Guerra Mundial. As personagens se inspiram nas figuras de Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Nelson Algren e Simone de Beauvoir. Além da obra ter feito grande sucesso após seu lançamento, concedeu à autora o Prêmio Goncourt, em 1954.

⁴ Segundo E. Calabi, Simone de Beauvoir guardou seus diários de juventude assim como integrou nas suas autobiografias, trechos deles. Sua filha adotiva organizou e publicou fragmentos destes relatos no livro intitulado *Cahiers de jeunesse 1926 – 1930* (2008).

⁵ Cabe destacar que alguns fatos, principalmente, da vida pessoal de Simone de Beauvoir permaneceram desconhecidos do público leitor até a divulgação das obras póstumas e ao serem revelados, provocaram uma série de questionamentos sobre as narrativas de si construídas pela filósofa. Dentre eles, estão seu envolvimento com o ex-aluno de Sartre, Jacques-Laurent Bost, relacionamento silenciado nas suas memórias; e suas relações sexuais com mulheres as quais foram negadas pela autora durante toda a sua vida. Inclusive, na publicação das correspondências recebidas de Sartre, em 1983, Simone, organizadora da edição, faz questão de suprimir trechos que pudessem indicar seus afetos homossexuais (GALSTER, 2007, p. 248-249).

⁶ Além da obra *A força das coisas*, tem-se registro das atividades e dos percursos realizados por Beauvoir no Brasil nas cartas (26/08/1960; 23/09/1960 e 28/10/1960) enviadas à Nelson Algren. Consultar *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico, 1947-1964* (2000).

⁷ Ao recuperar as produções escritas de Jean-Paul Sartre para retratar as discussões e os engajamentos políticos de Simone de Beauvoir, compartilho das palavras da escritora presentes no epílogo d'*A força das coisas* onde destaca a importância dele na sua vida tanto quanto na sua carreira profissional. Ao final deste livro, Simone tece

um longo comentário a fim de se defender das críticas que sofria, principalmente, daquelas direcionadas ao seu lugar secundário junto a Sartre. Ressalta, pelo contrário, a atuação política conjunta deles assim como sublinha a parceria de ambos: “uma coisa realmente deu certo na minha vida: meu relacionamento com Sartre” e mais adiante completa, “Carregamos dentro de nós um estoque indiviso de lembranças, conhecimentos, imagens; para apreender o mundo, dispomos dos mesmos instrumentos, dos mesmos esquemas, das mesmas chaves (...)” (BEAUVOIR, 1995, p. 473).

⁸ Enumero algumas das notícias referente a vinda de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil, a fim de elucidar suas preocupações políticas: “Sartre: ‘A vitória da FLN será a vitória da esquerda francesa’” (*Última Hora*, 25/06/1960), “Sartre: ‘Guerra na Argélia é um crime da França colonialista!’” (*Última Hora*, 16/08/1960), “Sartre falou sobre colonialismo e suas implicações no mundo moderno” (*O Estado de S. Paulo*, 08/09/1960), e “Sartre volta à revolução: ‘Cuba depende da dignidade dos países da A. Latina’” (*Jornal do Brasil*, 22/10/1960).

⁹ A Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFfi) foi criada em 1939 durante o governo de Getúlio Vargas, e extinta entre os anos ditatoriais de 1967 e 1968.

¹⁰ Um ano antes da chegada de Sartre e Beauvoir, A. Malraux então ministro da cultura da França, esteve no Brasil como representante do presidente Charles De Gaulle. Além de compromissos oficiais, Malraux discursou a favor das condutas políticas de De Gaulle que nesta época expandia as ofensivas militares contra os movimentos de resistência argelina. Seu apoio ao governo francês e, sobretudo, suas insinuações em discursos oficiais de que Jean-Paul Sartre permaneceu em silêncio frente as atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial, ofenderam tanto Simone e seu companheiro, quanto os intelectuais brasileiros ligados ao casal francês como Jorge Amado.

¹¹ Segundo a reportagem d’*O Cruzeiro*, intitulada “Sartre (no Recife) fecha o Congresso” (03/09/1960), a fazenda que o casal francês visitou pertencia ao artista plástico, Francisco Brennand. Além deles, estavam presentes no passeio Sérgio Buarque, Roberto Alvim Correia, Ariano Suassuna e outros intelectuais que participavam do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária.

¹² Cabe pontuar que esta noção de “Terceiro Mundo” trazida pelo historiador Rodrigo D. Almeida para explicar o pensamento de Jean-Paul Sartre, é retirada de suas leituras do livro *A era dos extremos* (1995), de Eric Hobsbawm.

¹³ As teorias do desenvolvimento tornaram-se recorrentes, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial e com a criação de instituições que visavam o fortalecimento da economia e política internacional, são elas, Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Mundial do Comércio (OMC) e Banco Mundial (NIEDERLE e RADOMSKY, 2016, p. 7). O historiador Almeida (2010) ainda nos chama a atenção para o fato de que a utilização do termo “subdesenvolvimento” – um dos conceitos provenientes das teorias desenvolvimentistas – nas análises sartrenianas, inicia-se em 1956 com o artigo “O colonialismo é um sistema”, publicado na revista *Les Temps Modernes*.

¹⁴ A revista era vinculada ao l’Institut d’études du développement économique et social da Universidade de Paris, criado em 1957 pelo governo francês; e tinha como proposição estudar os problemas de desenvolvimento econômico e social no mundo bem como tratar dos seguintes temas, imperialismo, nacionalismo e colonialismo.

¹⁵ Estavam presentes as seguintes nações: Afeganistão, Birmânia, Camboja, Sri Lanka, China, Índia, Indonésia, Japão. Laos, Nepal, Paquistão, Filipinas, Tailândia, República democrática do Vietnã, Estado do Vietnã, Arábia Saudita, Egito, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Síria, Turquia, Iémen, Gana, Etiópia, Libéria, Líbia, Somália e Sudão.

¹⁶ A fim de compreender os processos de descolonização que marcaram as décadas de 1950 e 1960, sugiro a leitura de *Culture coloniale en France* (2008), livro organizado por Nicolas Bancel, Pascal Blanchard e S. Lemaire assim como o quinto capítulo da obra de René Rémond, *O Século XX. De 1917 aos nossos dias* (1996).

¹⁷ Tradução livre do trecho, “Le paratexte demeure ainsi le lieu d’une réflexion métatextuelle sur le projet autobiographique, tout en donnant à Beauvoir l’occasion de se rapprocher davantage du lecteur au présent de l’énonciation et, de cette manière, de s’engager dans de nouveaux rapports avec son public”.

¹⁸ Catherine Poisson nos chama atenção para a construção do casal Sartre-Beauvoir nas obras ficcionais tanto quanto autobiográficas de ambos os intelectuais. Relação, aliás, tecida nas produções deles desde o final da década de 1930, momento em que não tinham mais contato físico. No entanto, a imagem de sua união amorosa-intelectual-profissional se manterá na obra de ambos, tema que propõe investigar no livro *Sartre et Beauvoir: du je au nous* (2002).

¹⁹ Ao longo de sua dissertação, Marion Chapius parte das conceituações de Philippe Lejeune para refletir sobre as autobiografias de Simone de Beauvoir. A fim de compor suas análises, retira da obra do ensaísta francês, *L’autobiographie en France* (1971), a definição do gênero autobiográfico: um “relato retrospectivo em prosa que alguém faz de sua própria existência, colocando em destaque principal sua vida individual, em particular sua história e sua personalidade” (Trad. livre do trecho: “le récit rétrospectif en prose que quelqu’un fait de sa propre existence, quand il met l’accent principal sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité”. LEJEUNE, 1971, p. 10-11 apud CHAPIUS, 2009/2010, p. 18).

²⁰ Tradução livre do trecho “Le pacte autobiographique (...) généralement présent dans toutes les autobiographies, scelle un accord entre le lecteur et l’auteur : ce dernier fait une déclaration d’intention et prend des engagements sur la sincérité qu’il mettra en œuvre pour raconter son histoire”.

²¹ Tradução livre do trecho: “sobre as minhas relações com minha época. Para recuperar a atmosfera da minha juventude, reli revistas semanais, *Vendredi, Marianne*, [e] livros que lia. Pude [então] perceber a qual ponto eu e também Sartre, (...) nós éramos levados pela corrente. Aquela que seguiam todos os intelectuais de “esquerda”. O meio me envolvia muito mais do que eu pensava.”.